

TRANSMUTANDO AS PERFORMANCES DOS CORPOS: REBELDIAS E TRANSGRESSÕES EDUCACIONAIS

Flávio Nunes dos Santos Júnior¹
Vitor Nunes Quaresma²

Corpos que ocupam o espaço/lugar? Os corpos modelam os espaços? Ou são amordaçados pelo ele? Silenciadas? Imobilizadas? Vigeadas? A arquitetura física e simbólica endurece para o encarceramento das mãos, pés, peles, pernas, rabas? Onde, neste lugar, alarga-se o espaço para o gozo dos desejos e afetos dos corpos? Surge das dúvidas e CÚriosidades a necessidade de refletir como es(o)corre o suor da experimentação dos corpos nesta escola.

O presente relato traz um fragmento de uma tematização da dança (ainda em movimento, em processo) com estudantes de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, situada no distrito do Capão Redondo. O trabalho envolve (até este momento de escrita) duas turmas de terceiro ano do Ensino Fundamental I. Antes de adentrar ao debate da prática pedagógica achamos pertinente situar a leitora sobre o contexto que nos envolve.

Nós, professoras, estudantes, funcionárias nos encontramos diariamente numa unidade educacional que assue características físicas, simbólicas, organizacionais e culturais que inscrevem e imprimem marcas em todos os atores não só nas crianças, mas também nos docentes, bem como funcionários e equipe gestora.

Assim que transpassam os portões escolares as crianças devem se posicionar em filas para aguardarem a chegada das professoras após o sinal. O transito até suas respectivas salas se dá de igual maneira, ou seja, um atrás do outro. Ao chegar à classe, encontram um arranjo físico e disposições de objetos a gosto da autoridade docente e equipe gestora, uma vez que dentro de uma das reuniões pedagógicas, decretaram que as carteiras, preferencialmente, deveriam ser dispostas no formato da letra “U”, sem qualquer tio de consulta com aquelas que de fato iriam se colocar nesta condição, que são as estudantes.

¹ Professor de Educação Física da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo.

² Professrx de Educação Infantil e Ensino Fundamental I da rede municipal de ensino de São Paulo.

Dentro deste cenário, observamos as identidades de gênero amplamente ligadas a uma situação normatizante, binária e heterocentrada. Parte-se do pressuposto da norma biológica sobre os corpos. Corpos com pau são Homens, Meninos, e corpos com buceta são Mulheres, Meninas. A arquitetura das filas os normatizam de maneira violenta, paus se enfileiram com paus e bucetas se enfileiram com bucetas.

Esta lógica segregacionista dos corpos transcende para outras esferas, na arquitetura dos banheiros coletivos, ilustrado por símbolos que representam certo tipo de corpos e de sujeito, contendo a cor azul para eles e rosa para elas. Isso quando não aparece nas experiências tecidas em aula; reduzindo a responsabilidade delas a uma tarefa, enquanto a deles se manifesta em outras. Interessante lembrar que essa sistematização se dá de maneira bem naturalizada por parte de quem as propõem.

Fortalecendo o processo normatizante, funcionários e equipe de limpeza, em alguns momentos, permanecem nos corredores da escola para fiscalizar o vai e vem das estudantes durante os mais variados momentos. A recomendação maior é para restringir a correria, não deixá-las correr de modo algum pelas escadas, corredores, pátios, salas. Sendo assim, seja no recreio, nas trocas das aulas, no trânsito para utilizarem outros espaços da escola, a orientação sobre os corpos infantis é “não pode correr”, “para de correr menina”. Durante o recreio, um dos momentos mais esperados pelas crianças, desejo visivelmente exteriorizado por seus corpos, realiza-se atividades dirigidas, vigiando qualquer ato de rebeldia que tente fugir dessa direção. Atividades de xadrez, “cobranças de pênalti”, corda, são as tarefas mais produzidas para conduzir ou manter os corpos num estado de calma.

Num dos momentos de saída uma estudante me abordou para exteriorizar sua insatisfação com a repressão que sofreu durante seu precioso recreio. “Professor, tomei suspensão”. “Por que?”. “Porque eu corri no recreio. Está muito chato isso aqui. Não pode correr na sala, não pode correr no corredor, não pode correr no recreio, não pode correr em lugar nenhum, vou mudar de escola”. Neste ensejo, visualizamos as práticas afastadas das experiências infantis, dos conhecimentos que elas possuem, valorizam, carregam. A tensão maior entre as atrizes docentes e coordenação é pelo alcance da leitura e escrita alfabética até o terceiro ano conforme orienta o PNAIC³, para isso

³ O PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ou seja, ao final do terceiro ano do Ensino Fundamental.

lançam mão de atividades de por meio de cópia, interpretação de atividades xerocadas e utilização de livros didáticos e apostilas do governo.

A leitura e a escrita das estudantes, desde a maneira como se pensa e estrutura as aulas até a análise dos resultados se baseia geralmente em uma vertente teórica, que é a Psicogênese da Língua Escrita, de Emília Ferreiro. Alçada ao nível de verdade absoluta, tal vertente moldura as práticas docentes quase em sua totalidade. Em nenhum momento reflete-se sobre saberes outros, sobre possibilidades outras de ler e escrever, de ser lido e de ser escrito.

Não precisa de muito rigor acadêmico para enxergar que esse aporte teórico, ao referendar para uma universalidade de infância, uma maneira única e hegemônica de aprender e de pontuar o tempo que se aprende, nutre-se de uma visão biologicista de desenvolvimento de mulher e criança, que nega as possibilidades históricas, culturais, sociais e políticas na vida dos sujeitos.

Diante de tanto encarceramento de movimentos, desejos, ideias, afetos, lutas, os corpos se manifestam com ações de transgressão e rebeldia, tanto professoras como estudantes. As crianças anunciam a todo instante seus descontentamentos com essa estrutura moderna, rompendo, escapando rebelando-se, explodem as rédeas. Para essas infâncias rebeldes, recorre-se ao temido Caderno de Ocorrências para registrar suas desobediências, a fim de anunciar os fatos aos familiares num futuro breve.

Não para por aí, para a garantia do silenciamento das transgressões e da manutenção das normatizações e regras impostas sobre os corpos na escola, outros mecanismos de vigilância são ostentados: câmeras que filmam todas as salas de aula e corredores; cadernos de registro das atividades desenvolvidas, bem como do conteúdo que se tentou ensinar na aula; agendas “pedagógicas” individuais para anotar a realização ou não da tarefa proposta por parte das alunas. Todos estes mecanismos de vigilância são perpassados pela punição.

No interior desse organismo vivo que goza ideologias, nota-se através das atitudes, dos diálogos, das conversas, o privilégio de práticas que não contrariem o imposto, o já dado como verdade, o normal. Atividades extraclasse e a circulação mais livre das estudantes (a não utilização de filas) são questionadas com veemência, e

chega-se a proibir a utilização de espaços ao ar livre por professoras que não sejam de Educação Física.

Sendo assim, os mecanismos de vigilância não oprimem somente estudantes, mas também professoras. As práticas docentes que buscam fugir desta lógica arbitrária em relação à organização das salas, ao trânsito, aos saberes, às vontades e aos desejos infantis, que estão em busca de construir ações que dê espaço para ecoar as vozes das estudantes e a sua cultura, são vistas como estranhas, incoerentes, arriscadas, logo, encontram grandes barreiras.

É neste lugar que os corpos vivem. É neste espaço que são imprimidas marcas e inscrições que modelam formas de ser e relacionar-se, formas de desejar e movimentar-se. É neste lugar que a opressão se faz tão presente, que o horário de ir embora é o mais esperado e o mais libertador para as crianças. Oprimidos por regras, normas, mordanças, grades, trancas, portas, paredes, autoridades, saberes as peles gotejam de seus poros muito suor, alguns cheiram submissão outros rebeldia.

Na tentativa de fissurar essa estrutura de encarceramento, iniciamos um trabalho conjunto, de transgressão. Envolvendo duas turmas de terceiro ano do Ensino Fundamental I, buscamos apresentar às crianças outro modo de viver o espaço escolar, de trazer para cena educacional suas experiências de vida, seus conhecimentos, a fim de que possam namorar intensamente aquilo que as cercam cotidianamente.

Vale destacar neste momento, que embora se produz aqui uma crítica à estrutura organizativa e arquitetura escolar, não fazemos defesa por um *laissez-faire*, de cada uma fazer o que bem deseja, pois a escola tem um compromisso social a cumprir, exposto em seu projeto político pedagógico, além disso, a prática pedagógica está ancorada num determinado referencial teórico.

Neste frenesi escolar, consideramos pertinente mergulharmos no universo da dança, uma vez que a escola sente enorme tesão por essa prática corporal no mês de junho. Seu uso se faz recorrente para promoção de apresentações diversas no evento junino que normalmente ridiculariza o sertanejo e o caipira, assim, atraindo os conhecidos e familiares das crianças ao espaço educacional para prestigiá-las, e o mais importante, para consumir os produtos dispostos nas barracas.

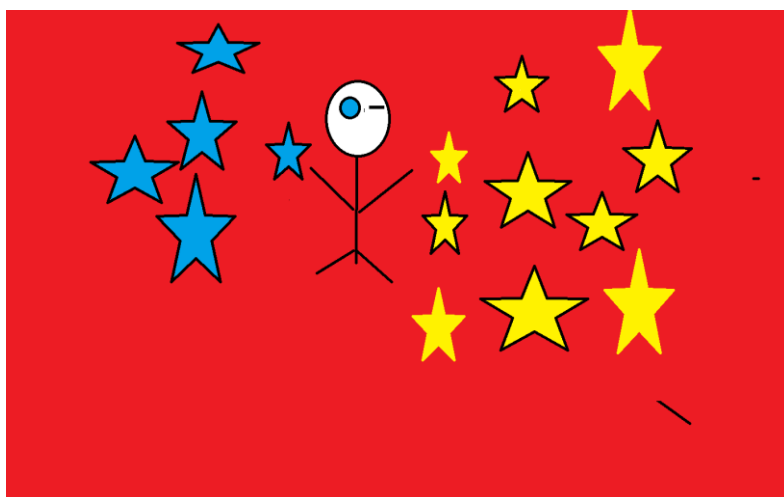
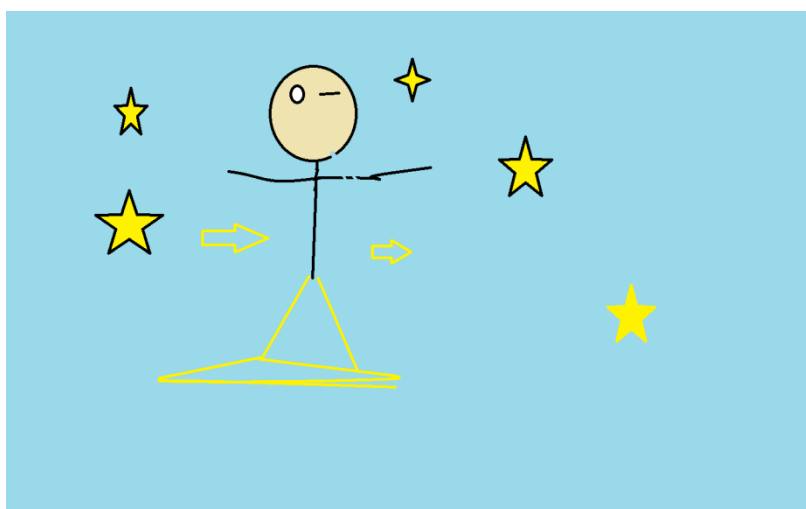
Sendo assim, o tratamento pedagógico dado ao tema reforça ainda mais as desigualdades e as diferenças entre os inúmeros grupos que compõem a sociedade, não ajudando em nada as discentes a entenderem os significados que compõem tais manifestações, bem como as pessoas que delas se assumem fazer parte. Logo, este tipo de prática se apresenta de maneira *souvenir*, turística, pois passada a festança tudo volta ao normal.

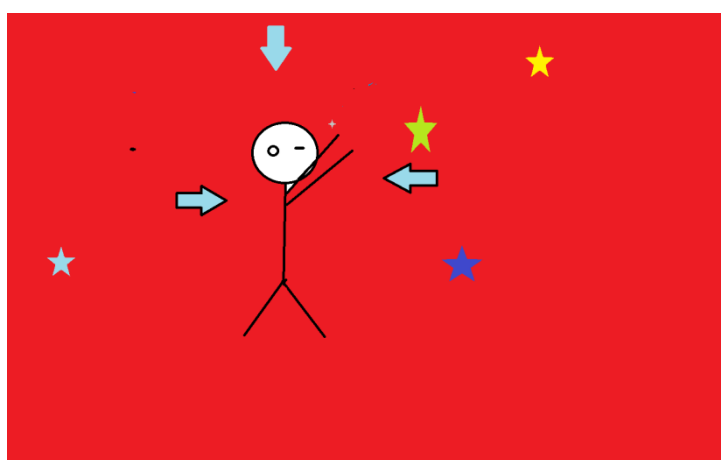
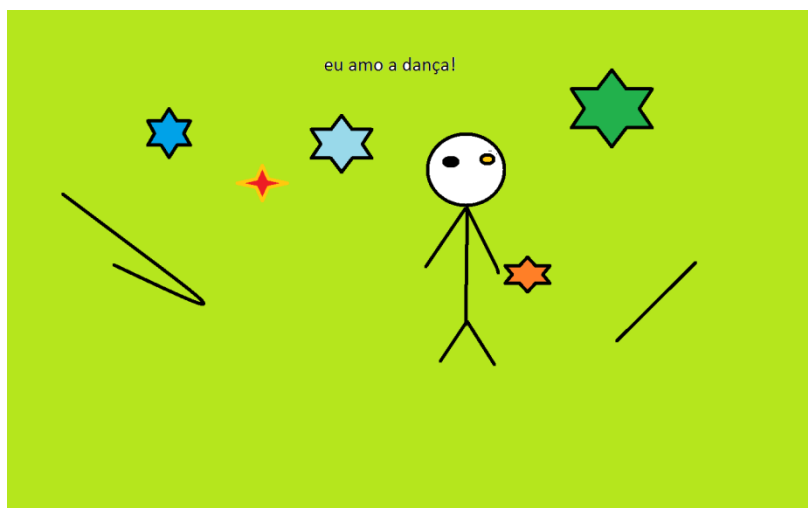
Dessa forma, a tematização da dança que se apresenta aqui busca rechaçar tal produção. Empreende um tratamento digno e coerente com aquilo que se apresenta na comunidade, na fala das estudantes, nos corpos que circulam, que se silenciam, aquilo que se manifesta nos pensamentos vazios, nas línguas que se vagueiam pelos corredores, recreios, trocas de aulas, entradas, saídas.

Nessa orgia de saberes e conhecimentos que fluem, vão e vem pelas frestas, tecemos um diálogo com as estudantes sobre o que pensavam ou conheciam a cerca dessa prática corporal. Em meio aos gritos, à vergonha, à timidez, disseram: “*a dança é chata, a bola é legal*”; “*dançar é o passinho dos maloka*”; “*dançar é mexer o corpo*”; “*é se divertir*”; “*é mexer a bunda, a cabeça, os pé, o ombro, o pinto, os braços, as tetas*”; “*é mexer o corpo no ritmo da música*”; “*é rebolar*”.

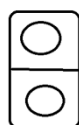
Além de identificar como entendiam a dança, tentamos também verificar em quais lugares se acreditavam ser possível manifestar a sua prática, assim, disseram o seguinte: “*palco, baile funk lá na 17, em casa*”. Neste bate papo inicial anunciaram também: “*funk, sertanejo, hip-hop,*”; “*dançar não é de Deus*”.

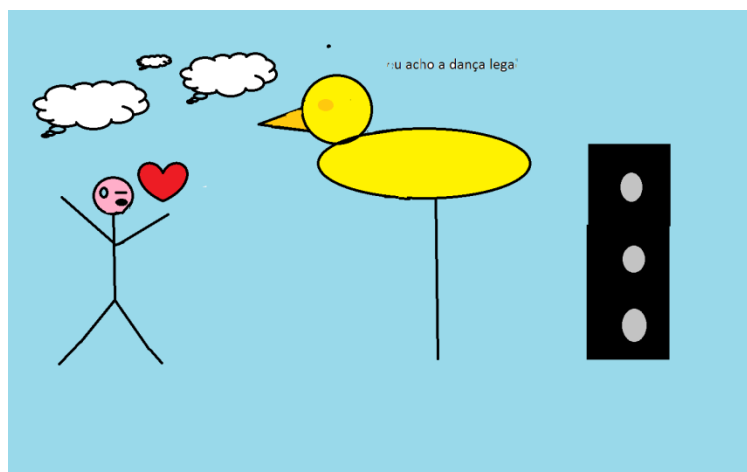
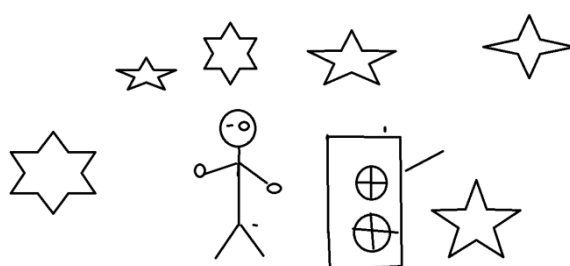
Para potencializar este momento inicial solicitamos a todas para que produzisse um registro no formato de desenho, assim, um grupo o realizou durante a aula de informática, recorrendo ao programa *Paint* enquanto outro o desenvolveu manualmente:





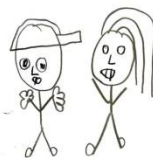
DANÇA É DAORA







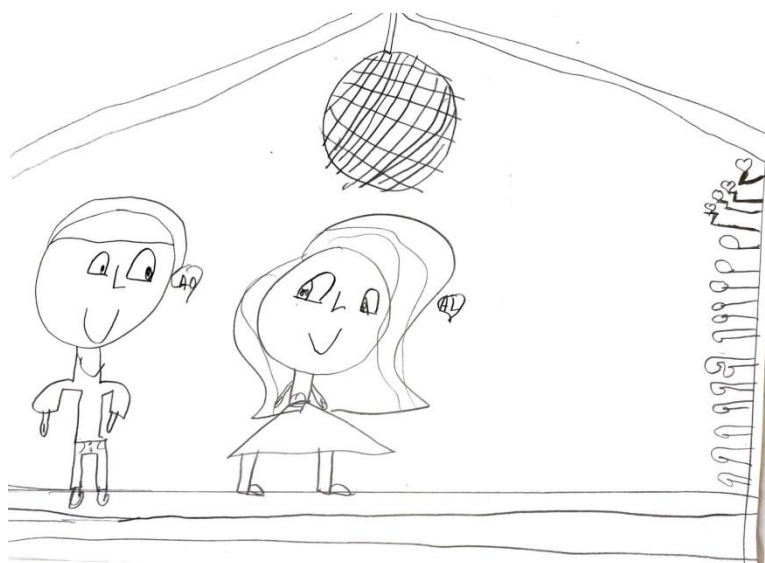
BHUKUANGELAN



... PANTOS A.



DANIELY 3^oA



Ao analisar os desenhos e as falas das crianças percebemos a anunciação de inúmeros elementos que, para as crianças, envolvem a ocorrência social da dança. Neste

sentido, visualizamos os corpos postos dentro de uma condição binária, homem e mulher, um corpo higienizado, legitimado pela ciência médica moderna, representando sujeitas brancas, magras.

Além deste corpo humano que dança, que se expressa, identificamos outros corpos atravessando as comunicações. O corpo música, com suas aparelhagens, notas musicais; o corpo religioso, igreja; o corpo dança, passinho dos maloka, hip-hop, passinho do romano, sertanejo.

Olhando todo este cenário efervescente, de corpos pulsantes, tínhamos de escolher uma rota, cientes de que não daríamos conta de problematizar aquilo que identificamos conforme nossas limitações, uma vez que diversas coisas são expressas pelas crianças durante a aula, porém nossa percepção, por estar presa a um jogo social repleto de significações num determinado contexto, apresenta-se de maneira limitada.

Dessa forma, nos sensibilizamos por levar à aula seguinte os próprios desenhos produzidos por elas, a fim de identificarmos a leitura que poderiam fazer sobre suas respectivas produções, de perceber o que a colega desenvolveu. Sendo assim, ao projetarmos os retratos de suas atividades, solicitamos para que nos dissesse suas interpretações sobre os corpos das sujeitas retratadas, com isso anunciaram o seguinte: “Dani Russo”; “Cabeça grande”; “Palito, magro”; “Alguns são gordos”; “São feios”; “São pequenos”; “Casal”; “Cabelo liso”; “Homem”; “Mulher”; “Usa vestido”.

Além desta tarefa analítica sobre a autoprodução, projetamos vídeos de múltiplos corpos dançantes do corpo musical funk. Corpos negros e translesbichas. Corpos completamente desviantes dos padrões impostos pela sociedade e legitimados nas práticas da instituição escolar moderna. Corpos que racham a estrutura higienista e segregacionista. Corpos que sofrem a violência da arbitrariedade das concepções psicobiologicistas de uma ciência masculina, europeia, branca e heteronormativa. Corpos que fissuram os dogmas racistas, machistas, misóginos, transfóbicos, xenofóbicos pregados pelas religiões cristãs, pela indústria mercadológica e pelas grandes mídias.

Ao lançarmos vídeos do grupo “Bonde das bonecas”⁴, gritos se ouviam de todos os lados, falas se anunciavam, corpos pulavam, mexiam, aplaudiam, alguns se

⁴Os vídeos podem ser acessados no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=6FId6dGyMYc>.

assustaram, permaneceram quietos. “É viado”. “É você”. “Eu não, é você”. “Credo”. Essas falas apareceram como insultos, ofensa uma a outra, de ridicularizar a companheira. Entretanto as experimentações com as translesbichas foram se produzindo, os movimentos revelados na coreografia foram escritos nos corpos das crianças. “O que é isso?”. “Espacate?” “Sim”.

Quando mudamos o vídeo para o Passinho dos Romano, com meninas negras na cena, performando suas experiências e desejos com a dança, a movimentação se deu de maneira mais intensa. “Essa é pesada”. “Essa é minha favorita”. “Eu gosto mais dessa”. Braços, ombros, pernas, tetas, se expressavam. Uma roda em volta de uma delas foi construída, seu nome era dito sob muitos gritos e aplausos.

No nosso caminhar de possibilidades, leituras emergiram de alguns lados sobre a produção tecida. “Foi chato, não deixou eu brincar”. “Eu achei legal juntar as duas salas”. “Não gostei porque vocês falavam e eles não ouviam”. “Agora a culpa é nossa”. “A música foi zika”. “Gostei não”. “Foi da hora a música do passinho dos maloka”. “Gosto de funk”.

Ao travar este diálogo com as estudantes, nota-se a fluidez de discussões direcionadas às interdições produzidas sobre corpos que flutuam entre as situações de resistência. Além disso, percebem-se interlocuções que nos permitem considerar uma percepção por parte das crianças frente à sua cultura experiencial, aquilo que é vivido e experimentado fora dos muros escolares.

Neste ensejo, mesmo não sendo do gosto de alguns e desejado por todos, insistimos em centralizar no currículo aquilo que compõe a cena local, os corpos musicais dissidentes. Ao se deparar novamente com o “Bonde das bonecas” ecoaram vozes, sentimentos, gestos. “É viado”. “Tira essa coisa de viado, é muito feio”. “É ruim”. “Nóis é homem e não pode ver isso”. “Eu vou sair”. “Deus me livre, eu vou sair dessa sala, que bichas feia”.

As risadas de deboche, as falas hostis, os olhares de nojo, a adjetivação pejorativa, os dedos de apontamento, a zuação, os movimentos de insatisfação e repulsa, o silêncio, a desaprovação, a contração dos corpos, a paralisação dos gestos, a abertura das bocas, o cerrar dos olhos, o engessamento das danças, o espanto e o incomodo diante dos corpos translesbichas nos fez ver o quanto essas identidades transmutadas de gênero geram desconfortos e violências. Nos fez pensar em como os rituais da cis-

heteronormatividade⁵ começam a se naturalizar cedo nas sujeitas políticas. Sendo assim, o essa reprodução da heteronormatividade promoveu, diante da experimentação com corpos que transcendem, um vômito coletivo infantil.

Codificados como meninos ou meninas em seu nascimento, em virtude da genitália que carregam, as estudantes aprendem, de maneira imperiosa, a performar o gênero. Seja na escola, na família, na maternidade ou na religião cristã as práticas e os discursos se alinham com os paus e as bucetas. Tornam-se homens e mulheres e passam a teatralizar as normas impostas e controladas socialmente ao gênero atribuído antes mesmo de seu nascimento.

Diante deste império social, qualquer distorção, escape ou transgressão de sexualidades e identidades de gêneros são vistas como monstruosidades e aberrações. Para alguns, o caso é observado como uma doença e necessita de um tratamento psicológico e espiritual. Enquanto para outros é encarado como rebeldia, insubmissão, revolta.

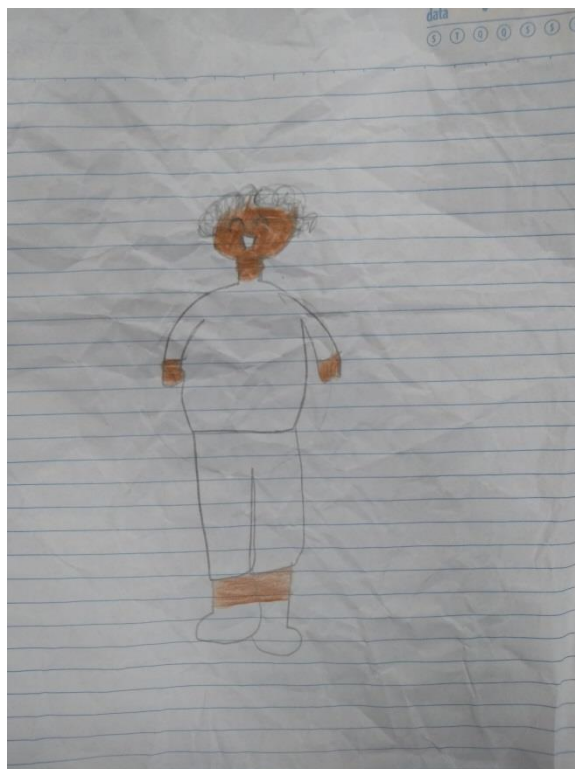
Caso as bonecas enfiadescidas e rebolantes apresentadas no vídeo se materializassem na performatividade construída em meio à aula, diante da nebulosidade que se criou das violências infantis, tesouras cortariam seus cabelos e seus micro-shorts apertados nas rabas, roupas masculinizadas seriam costuradas e colocadas como camisa de força, a fim de esconder suas peles pretas de bixas, seus corpos seriam forçosamente acorrentados para que dançassem como Machos e deixassem de jogar suas grandes bundas para cima e para baixo.

A provocação deste novo encontro dispara novos desejos, emoções, vontades, expressões que até então ainda não foram vistas com tanta potência. O incomodo aos padrões heteronormativos foi gerado, desconsertando novamente algo que carece de enfrentamentos. A gay apresentado na imagem, mesmo que mostrando movimentos pré-formatados do corpo funk, abala o imaginário. As ameaças de fuga da sala, afloradas nas falas das alunas, nos acalentam, transmitem potentes vibrações ao nosso fazer pedagógico.

⁵ Cis-heteronormatividade: pode ser considerado como uma conjunto de normas, regras, controles, vigilâncias que se expressam de diferentes maneiras nas esferas culturais, políticas e sociais dos discursos, dos poderes, das experimentações dos corpos que alçam a heterossexualidade a nível de padrão.

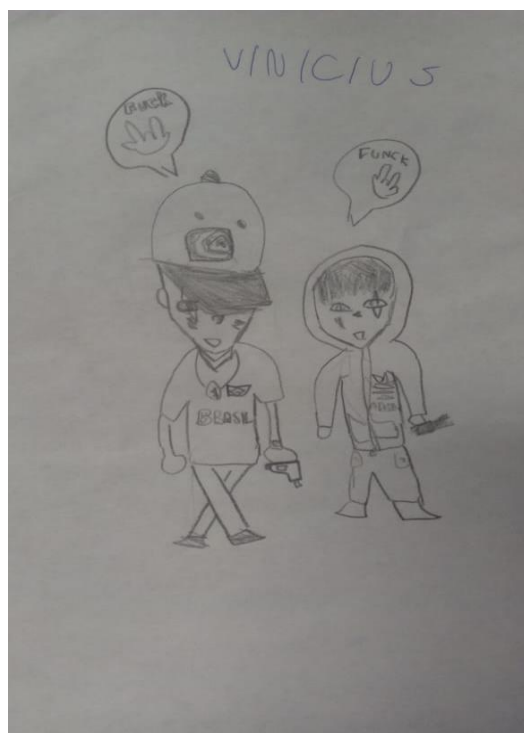
As insinuações não permitidas dos diferentes corpos, não legitimadas, repetidas insistentemente nos vídeos, rumaram para um trajeto desconhecido. “Tira esse vídeo, professora”. “De novo?”. “*Ricardo, por que você está chorando?*”. “Os moleques ficam falando que sou eu dançando”. “E o que tem?”. “Eu não gosto”. Lágrimas, risos, passos, movimentos e mais um monte de coisas atravessando nosso viver, que somos incapazes de identificar ou capturar em virtude de nossas limitações. O que falar ao Ricardo? O que não dizer? Por onde ir? Por onde penetrar o imaginário? Como transformar o não-lugar, que os corpos transmutados são vistos, em lugar na experimentação infantil? Foram essas as primeiras reflexões ao tomar contato com essa cena.

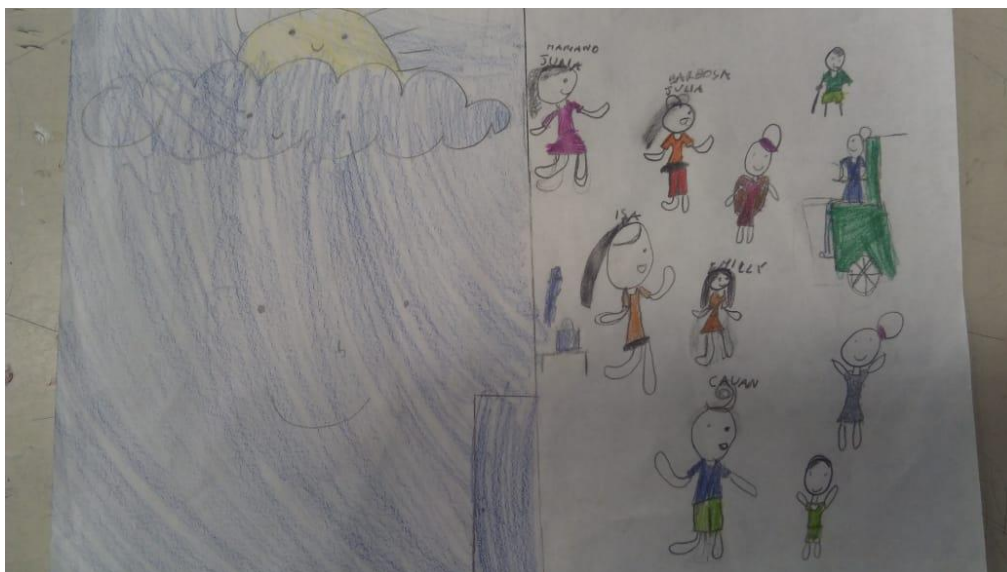
Dessa forma, fomos conduzidos para outro lugar, experimentando reflexões sobre estes corpos carregados de marcas modernas coloniais, machistas, racistas, heteronormativas, cristãs, eurocentradas. Problematicamos juntos os motivos que nos deixam desconfortáveis quando nos deparamos com certos corpos; por que não queremos vê-los e/ou tê-los? Por que nos incomodamos com elas? Após os questionamentos veio enlouquecidamente um silêncio ensurdecedor. “*Trouxemos esses vídeos justamente para provocar essa sensação em vocês, porque nos desenhos que produziram inicialmente não apareceram esses corpos. Como vocês disseram em outra aula, tinha somente a representação de corpos magros, brancos, homem e mulher, cabelo liso. Daí a ideia de mostrar outros, Corpos que merecem viver assim como os nossos, porém sofrem violências físicas e verbais a todo o momento, como as que foram faladas no momento em que passava os vídeos*”. “É verdade, professora”. No momento em que anunciava tais observações, uma aluna rapidamente produziu uma nova arte. “Olha, é um homem gordo e negro”. “Nossa professorx, parece com você”.

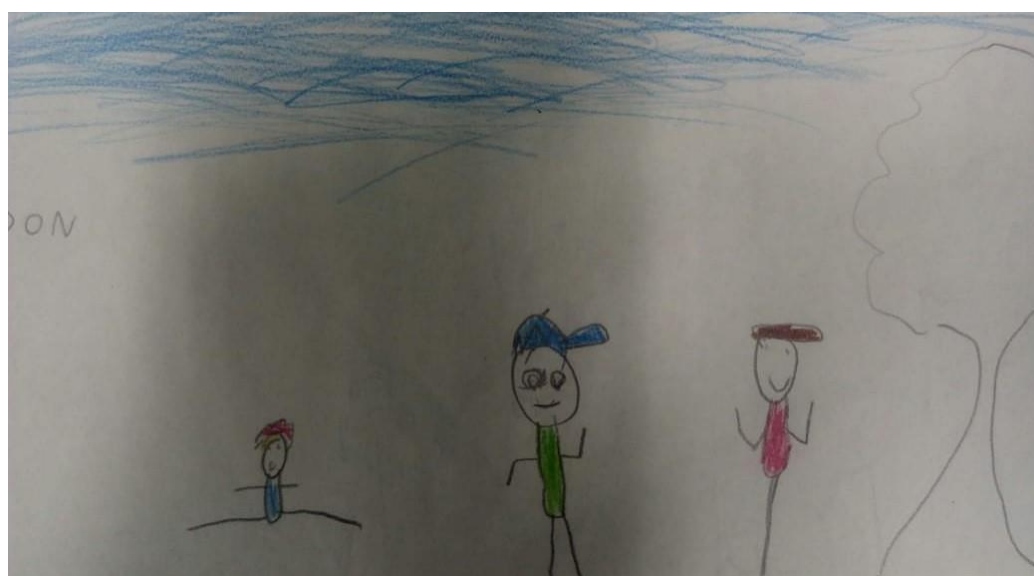


Nesta conjuntura, solicitamos para que retratassem, numa nova produção artística, seus próprios corpos, acompanhados de outros que surgiram nos vídeos assistidos anteriormente.









No momento da produção não faltaram comentários sobre as experiências obtidas fora da escola. Aquilo que ouviam e experimentavam junto da família era posto para fora, um processo de autorreflexão. “Minha prima falou que não gosta de negros, eu sou assim e tenho muito orgulho de mim”. “Se meu pai descobrir que estou desenhando isso ele vai me matar”. Expressões que surgem em meio ao desenvolvimento artístico de corpos negros e gays, respectivamente, aparecem como uma navalha afiada, cortando o corpo do preconceito e discriminação, bem como transgredindo a fixação arbitrária dos padrões comportamentais e de existência.

Escrevendo um novo capítulo deste percurso, novamente iniciamos a aula expondo vídeo com esses corpos dissidentes, juntamente com fragmentos registrados na aula anterior. Estranhamentos não faltaram, alguns deram risadas e mantiveram o olhar atento ao se perceberem na tela, algo ainda não vivido numa aula. Ao visualizaram uma criança negra dançando: risos, apontam o dedo, falam. “Quem é esse locão aí?”. “Parece o Rafael”. “Sai fora”. Rafael não gostou. “É o Fernando”. Fernando ri. Algumas estudantes performam ao seu modo o que veem. De maneira ‘escondida’, em montinho e, buscando ritmar com a música ouvida, algumas crianças dizem umas as outras “Pega logo no meu pênis”.

Diante de um cenário agitado e dinâmico, numa sala onde o silêncio é como se fosse uma prece em outras circunstâncias - a sala de leitura -, alunas mexem os pés, outras balançam o corpo, giram a cabeça, ficam sentadas e quietas, batem palmas, pulam, rebolam, correm, incorporam movimentos do frevo ao dançarem funk, sobem na mesa para rebolar.

Buscando expandir as produções, apanhamos a caixinha de som e o celular e nos dirigimos para um espaço externo para experimentar outros modos de performar o corpo funk. A ideia de explorar diferente lugar surgiu após nossa percepção acerca das imposições produzidas pelas cadeiras e mesas, artefatos que em alguns momentos contribuem para a realização de tarefas, entretanto notabilizamos o quão opressores também podem ser, mantendo os corpos infantis quietos e calmos diante das propostas encaminhadas em aula.

Deste modo, o contato dos corpos num outro território nos fez acreditar na produção de novos encontros. Logo de início apareceram movimentos ligados aos realizados pelos sujeitos apresentados nos vídeos. “Professora, coloca Só quer Vrau”.

“Põe agora Mc Loma”. “Coloca WM”. “Mc Kevinho”. “Coloca fuleragem”. Em meio a uma música e outra, corpos atravessavam uns aos outros. “Empurra não, meu”. Pernas se mexiam, uma mistura de samba com corrida estacionada. Ressurge passinho do frevo em dupla (de mãos dadas, duas estudantes agacham colocando um dos pés à frente). Cabeças giram, braços se balançam, quadris rebolam.

Nesta fluidez e transações de experimentações, cada um, ao seu modo, colocava em cena suas interpretações e produções gestuais. “Olha isso aqui”. “Você nem sabe”. “Sei sim”. Os desafios seguiram constantemente, mostrar as inovações e criações eram tarefas de fundamental importância. Alguns corpos preferiram apenas observar. “Dança aí.”. “Eu não”. “Olha como é fácil”. Após o insistente chamado, umas permaneceram visualizando as colegas, enquanto outras se embebedaram do êxtase das batidas do funk, dos gestos e risos dos colegas e passaram a se arriscar na dança.

Neste buliçoso devir, abrimos espaço para estudantes de outras turmas, corpos ferventes. “Bota passinho dos maloka aí prof”. “Olha o Douglas”. “Vai José”. “Agora a Vitória”. “Vem Camily”. “Vai mano”. “Da licença”. “Eita, olha o espacate”. “Faz o bonequinho”. “Dá estrelinha aí, vai”. Num entre e sai, sobe e desce, borbulham-se falas, desafios, demonstrações. Não demorou e logo formaram três grupos, compondo uma espécie de triângulo, um grupo desafiava outro, chamando-o ao centro, cada integrante produzia o que bem quisesse, não havia sincronia de movimentos, nem mesmo predefinições.

“Professora, tem um menino do primeiro ano que dança muito”. “*Chama ele lá*”. Ao aparecer em meio às produções, sua presença foi disputada pelos grupos, conquistou quem o chamou o primeiro. A cada lance e aparição ao centro, desmoronava-se parte dos discursos que impedem as trocas de aprendizagem, informação, conhecimentos e saberes entre os diferentes corpos discentes. “O moleque dança muito, hein”. “O baixinho, vem pra cá”.

No andar da tematização, surgiu a realização da tradicional festa junina, mascarada por uma nova roupagem sob o nome de evento cultural. “Professora, vamos fazer na festa?”. “Podemos fazer”. A semana que antecedia a festa foi agitada, recortes de papéis e tecidos para decoração, pintura de desenhos, leitura de histórias, fixação de bandeirolas, suspensão de balões e, talvez o mais importante feito para parte do coletivo

docente e gestão, o adestramento coreográfico de corpos ao som de músicas de diferentes lugares do Brasil para apresentar à família e aos amigos.

Estas ações deslocadas de contextos são transpassadas pela falta de saberes outros, pela desvalorização das culturas alocadas distantes das grandes metrópoles capitalistas. Assim, aparecem marginalizadas, em virtude da intensa valorização de modelos, costumes e hábitos de um homem urbano, higienizado, racional, civilizado e branco. Esses componentes, fazem deste território teatralizado chamado “Festa Junina”, um campo fértil para produzir expressão e automatização de significados sociais que criam e reforçam estereótipos e preconceitos, à medida que empurra a cultura sertaneja e nordestina para o campo folclórico e escarnico com a construção do corpo “caipira” desdentado, cheio de maltrapilho, que fala “errado”.

Chegado o dia do denominado evento cultural, fluem no ambiente brincadeiras, comidas, som, músicas, decorações, um cenário perfeito para poses diversas de frente às câmeras de celulares. Uma situação que acoberta a ampla gama de significados que perpassam as práticas culturais e seus respectivos praticantes, objetificando os corpos infantis para interesses pouco pedagógicos. Sendo assim, coloca-se como uma produção escolar de aparentemente conforto, na qual as crianças são convidadas ou convocadas a cumprirem o protocolo treinado e decorado anteriormente, bem como acessar, junto com seus familiares, os quitutes e atividades expostas para consumo, claro, desde que tenham condições econômicas para tal.

Ao aguardar alguns instantes durante o evento. “Passinho dos malokas, hein”. “*Tudo bem*”. As crianças se posicionam, faltavam muitas delas, porém quando a música começa a tocar, surgem de modo inesperado alguns sujeitos nunca vistos. Diferente de outras produções, a participação dessas pessoas foi bem aceita por todos. Um grupo ocupa o centro, sai e chama outro. Cada integrante à sua maneira movimenta-se, vivencia, experimenta, troca, pula, fala, expressa, canta. “Já acabou?”. “Nem deu para dançar direito, professora”. “Põe de novo”. “*Claro*”. E mais uma vez performaram aquilo que aprenderam com os colegas, primos, tios ou assistindo vídeos divulgados na internet.

Vivenciada e experimentada a dança nesta atividade, dialogamos no dia seguinte com a turma sobre o quão diverso e valoroso foi a participação de cada um, bem como a interação com as colegas do fundamental II no momento da dança. Uma situação pouco

explorada e alimentada nas práticas educacionais, que por sua vez insistem em separar, segregar e interditar as trocas, as fusões, de experiências entre esses corpos de dimensões e faixa etárias diferentes.

Contudo, encaminhando nossas práticas para algumas considerações provisórias, sentamos com elas, em pequenos grupos, a fim de tecer um diálogo e identificar o que percebiam e visualizavam nas produções organizadas e experimentadas nas aulas. Inicialmente envergonhadas e desconfiadas, uma vez que as retiramos da atividade proposta enquanto outras mantinham acesas as chamas da dança em outro espaço. Explicamos a cada grupo que optamos por este critério de avaliação, pois não compactuamos e duvidamos extremamente das promessas produzidas sobre provas, testes e/ou questionários que tomam boa parte das atenções dos processos pedagógicos lançados no ambiente educacional.

Dessa forma, expressando seus sentimentos, sensações e observações, as crianças nos comunicaram coisas que até o momento ainda não tinham sido percebidas por nós. “Pode dançar em qualquer lugar”. “Eu danço às vezes, mas eu gosto mais é de assistir, porque eu aprendo”. “Eu nunca dancei”. “Dançar é passar tempo”. “Eu aprendi a dançar com todo mundo que dançava”. “Eu tenho vergonha, eu não danço certo”. O pessoal do quinto ano fica falando que tá errado. Aí fico sem vontade”. “Eu tô achando chato, é legal porque eu tô brincando”. “Eu tô achando legal”. “Eu não sei dançar, é coisa de menina”.

Estas frases, na verdade extensos textos, soaram em nossos ouvidos como enorme ruído, nos provocando desconfortos acentuados. As crianças passaram por situações que fomos incapazes de perceber, mesmo estando atento para as expressões, colocações, proferidas nos inúmeros casos. O impacto da fala de algumas estudantes abrandou a potência, o desejo, de experimentar outras sensações ao entregar o corpo para as vibrações provocadas pelas músicas colocadas. Tal ocorrência se deu mesmo nós tendo promovido considerável esforço em não homogeneizar as experiências e movimentos, instigando cada uma a inventar e demonstrar suas performances.

No meio dessas considerações infantis, não menos importante ou relevante que de outra sujeita com mais idade, surgiram afirmações que nos levaram para outro lugar, vieram como uma marretada, pondo tudo a desmoronar sobre nossas mentes e concepções. “Eu não danço porque os meninos ‘bate’ e ‘olha’ na nossa bunda”. “É

verdade, a gente já falou para você e você não fez nada”. Essas falas nos desconsertaram, ou melhor, nos destruíram. As crianças novamente gritaram situações que não fomos suficientemente capazes de encarar da maneira como deveriam.

Contudo, as problematizações não se encerram neste momento, nem podem, temos ainda muito a enfrentar, como nos deixaram claro as considerações supracitadas. Finalizamos o semestre com este anúncio, mas não concluímos as tensões, as travestidas e transgressões pedagógicas. Seguiremos a caminhada firmemente, sob muitas desconfianças e intensas reflexões de como reorganizar o percurso, buscando sempre escapar das roubadas lançadas pelas imposições e obsessões de uma educação pautada para atender as necessidades imperiais do mercado neoliberal. Estrutura que tenta colocar o mesmo tempo de aprendizagem para todas, por exemplo, impondo alfabetização até o segundo ano do Ensino Fundamental I, além de homogeneizar as relações entre sujeitas. Sendo assim, assumimos como foco da nossa missão, após juntar os cacos produzidos pelas marretadas da sinceridade infantil, o reafirmamento da luta contra todo tipo de opressão, interdição, discriminação e repressão dos corpos que escapam dos padrões forjados, desejados e impostos por quem está preocupado apenas com seus interesses dominadores. Isto é, estamos sensíveis em produzir práticas pedagógicas que dialogam ao lado de corpos que vibram, cheiram, falam, respiram, pulsam, transpiram, ejaculam, salivam, cospem TRANSgressões.